

## “O POVO VOTAVA EM QUEM ELE MANDAVA”: NOTAS DE CAMPO SOBRE A HERANÇA SIMBÓLICA DO CORONEL VEREMUNDO SOARES EM SALGUEIRO-PE

Giovanni Alves Duarte de Sá<sup>1</sup>  
Andréa Carla de Magalhães Campos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo buscou identificar vestígios da herança simbólica deixada pelo coronel Veremundo Soares na cidade de Salgueiro, no interior de Pernambuco, a pouco mais de 500 km do Recife. O mandonismo político-familiar nos municípios do Sertão nordestino durante o período do coronelismo marcou sobremaneira as relações e configurações de poder muito tempo após o término deste período histórico do Brasil. Assim, durante visita de campo com duração de uma semana, viajamos a Salgueiro com o objetivo de compreender, através de entrevistas e visitas a espaços simbólicos da cidade, as construções sociais perpetuadas no tempo por familiares, amigos e moradores locais sobre o coronel Veremundo Soares, um dos mais emblemáticos coronéis pernambucanos. Para tanto, partimos da noção de *civilidade* presente em Norbert Elias e de fronteiras sociais e simbólicas com base nas reflexões de Michéle Lamont na busca pela compreensão dos dados encontrados.

**Palavras-chave:** Coronelismo. Família Soares. Veremundo.

## “THE PEOPLE VOTED FOR WHO THEY SENT”: FIELD NOTES ON THE SYMBOLIC HERITAGE OF COLONEL VEREMUNDO SOARES IN SALGUEIRO-PE

**Abstract:** This article sought to identify traces of the symbolic heritage left by Colonel Veremundo Soares in the city of Salgueiro, in the interior of Pernambuco, just over 500 km from Recife. The political-family bossiness in the municipalities of the northeastern Sertão during the coronelismo period greatly marked the relations and configurations of power long after the end of this historical period in Brazil. Thus, during a week-long field visit, we traveled to Salgueiro with the aim of understanding, through interviews and visits to symbolic spaces in the city, the social constructions perpetuated over time by family, friends and local residents about Colonel Veremundo Soares, one of the most emblematic colonels in Pernambuco. To do so, we start from the notion of civility present in Norbert Elias and of social and symbolic boundaries based on Michéle Lamont's reflections in the search for understanding of the data found.

**Keywords:** Coronelismo. Soares family. Veremund.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade da Paraíba (PPGS/UFPB). Com participação no Gresp (Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia Política – UFPB). Email: [giovannialvesduarte@gmail.com](mailto:giovannialvesduarte@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS - UFCG), com participação no LERA (Laboratório de Estudos Rurais e Ambientais – UFCG). E-mail: [andreacmcampos22@gmail.com](mailto:andreacmcampos22@gmail.com).

## **Introdução**

Buscamos refletir, neste artigo, sobre a herança moral deixada pelo coronel Veremundo Soares (1878-1973) na cidade de Salgueiro, localizada no interior de Pernambuco, a 500 km da capital, Recife. Realizamos visita de campo ao município, situado no Sertão Central pernambucano, onde nos hospedamos durante cinco dias no lugar com a pretensão de entrevistar familiares, historiadores e pessoas que conviveram com Veremundo Soares, considerado um dos mais poderosos coronéis que já atuaram no interior de Pernambuco na primeira metade do século XX.

Iniciamos as primeiras observações e entrevistas numa segunda-feira ensolarada de fevereiro com a pretensão de perseguir um olhar etnográfico apresentando percepções e notas de campo durante a nossa estada na cidade em questão<sup>3</sup>. A nossa pretensão neste artigo é de expor, minimamente, um trabalho de imersão no campo de pesquisa com a garimpagem de informações e os desafios enfrentados neste processo, bem como dialogar, a partir destas impressões, com o arcabouço teórico que embasa este exercício de prospecção sociológica. Para tanto, partimos da noção de *civilidade* presente em Norbert Elias e de fronteiras sociais e simbólicas com base nas reflexões de Michéle Lamont para compreender alguns dos dados encontrados.

Este estudo tem foco na compreensão das dinâmicas de poder de elites locais tendo como unidade de análise a família Soares de Salgueiro e os resquícios simbólicos deixados pelo coronelismo no lugar. Ao longo do trabalho, expomos trechos de nosso diário de campo num diálogo indutivo com foco na regularidade dos discursos mais recorrentes e padrões comportamentais mais frequentemente observados durante nossa imersão empírica, a fim de perceber lógicas de valor de uma elite familiar e como os moradores da cidade as interpretam e (re) codificam aos dias de hoje.

---

<sup>3</sup> Viajamos a Salgueiro em 18 de fevereiro de 2019 e lá ficamos até o dia 23 do mesmo mês. Trazemos aqui o relato de cinco entrevistados entre moradores da cidade, membros da família e amigos dos Soares. Salgueiro tem pouco mais de 60 mil habitantes. Os primeiros resultados desta visita foram compartilhados preliminarmente no grupo de trabalho “Família, Instituições e Poder” durante o 19º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, em Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

### **Sobre o fenômeno do coronelismo e Veremundo Soares**

Vilaça e Albuquerque (2003) registram que Veremundo foi um dos mais destacados coronéis do século passado em Pernambuco. No interior, este chefe local assumiu o papel de intermediar os anseios de diversos prefeitos-coronéis da região junto à gestão estadual. Foi prefeito de Salgueiro em 1925 e amigo do interventor de Getúlio Vargas no estado, Agamenon Magalhães, com quem manteve parentela e firmou redes de amizades cruciais para a manutenção dos interesses de uma elite rural a qual se via cada vez mais obrigada a ter que reinventar-se, em termos de estratégias de poder, diante o avanço paulatino de mudanças nas relações implementadas, especialmente, pela urbanização das pequenas cidades.

Para melhor apreensão do fenômeno que estamos analisando, se faz importante delinear algumas noções acerca do coronelismo, partindo do trabalho de Victor Nunes Leal (2017). Na definição do autor, o coronelismo sinalizava para um “compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público progressivamente fortalecido e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente os senhores de terras” (LEAL, 2017, p.40). O autor lembra que o coronel, se valendo do poder econômico, especialmente da propriedade rural, era capaz de angariar levas e levas de votos, os chamados cabrestos. “Existia entre o coronel e os votantes era um compromisso de lealdade sustentado nos laços de dependência pessoal” (SILVA JUNIOR, 2006, p.25).

Em outras palavras, especificamente no interior de Pernambuco, a conduta dos coronéis representou um dos fortes mecanismos simbólicos de dominação que deu força à engrenagem eleitoral do sistema coronelista e que, somado à ameaça constante da perda de emprego, da ausência de favores ou da violência por meio de milícias particulares, garantiu a permanência de sua lógica. Ainda, conforme Victor Nunes Leal, o fenômeno do coronelismo foi produto do alargamento do sistema representativo em um cenário sócio-econômico precário, onde o regime do latifúndio rural nas mãos dos coronéis impôs chancelas ao caráter participativo impresso pela instituição da República, assegurando, assim, a manutenção de privilégios nas mãos de poucas famílias abastadas.

Só que a ampliação da estrutura do Estado rumo às cidades do interior propiciou um lento processo de perda de poder dos coronéis. A elite que desfrutava desse sistema, teve que renovar estratégias políticas de dominação a partir da Revolução de 1930, especialmente, quanto o domínio da terra foi deixando de ser o principal fundamento de poder dessas famílias.

Incapazes de suprir as crescentes demandas das populações rurais e da nascente sociedade urbana e industrial, os senhores de terras foram perdendo, lentamente, poder (QUEIROZ, 1975).

Assim, os coronéis, para sobreviver não só politicamente após 1930, mas economicamente, se aproveitaram da lógica modernizadora do Estado burguês capitalista, para surfar na onda de inovações tecno-industriais que chegavam ao Sertão, com reflexos em estradas, máquinas de beneficiamento, ferrovias, aeroportos, açudes, entre outras obras e empresas que aportavam nos rincões sertanejos. Muito dessa ação modernizadora serviu como uma ofensiva civilizadora (REGT, 2017) promovida pelo empreendimento moral e político destes líderes locais. Esta visão de mundo pôde ser constatada nas primeiras produções de sentido captadas nos discursos sobre o coronel Veremundo Soares, durante visita a Salgueiro.

Nunes Leal (2017) estudou o fenômeno do coronelismo do ponto de vista de um processo lento, mas permanente, de perda de poder dos coronéis. O autor reflete que a diminuição relativa da autonomia dos chefes locais veio a reboque do convívio cada vez mais frequente com a força do aparelho do Estado, o que contribuiu com uma maior dependência destes líderes à estrutura estatal, relação que gerou suas ruínas. Assim, o coronelismo para Victor Nunes seria uma forma de adaptação entre o poder privado e um regime político de extensa base representativa. Artigas (2010) explana que a bibliografia que trata deste fenômeno acabou sendo influenciada, durante algum tempo, por um extenso debate acerca da importância do voto ou de sua irrelevância ao processo político brasileiro à época.

Como a fraude e a violência foram componentes constantes das formas de controle eleitoral, alguns autores, como Paul Cammack (1979), indicavam que a lógica de comportamento político sob o sistema coronelista não passava pela instância eleitoral, visto que as eleições não refletiam a verdade das escolhas dos eleitores. Partindo deste argumento, Cammack afirmava que o apoio eleitoral do coronel ao governo estadual e federal não era relevante para a análise política, visto que os sufrágios não teriam importância para o cômputo de poder sob controle dos coronéis (ARTIGAS, 2010, p. 4).

Reforçando o debate no campo, o pesquisador evidencia a visão de José Murilo de Carvalho (1999) quando se contrapõe à opinião de Paul Cammack ao sinalizar que a força do voto deveria ser levada, sim, em consideração. Especialmente, porque o que estaria em jogo seria a relevância simbólica do cômputo final das urnas, independente das ações terem passado por ações de corrupção. Ainda na esteira da década de 1970, há o destaque para as contribuições de Eoul Soo Pang (1979) e Boris Fausto (1975). Este indicava que apesar de correta, a afirmação

de que o país foi controlado politicamente pelas oligarquias, encobria várias particularidades que representariam diferenças substanciais quanto às formas de aquisição do poder, de conquista de legitimidade e exercício do mando (ARTIGAS, 2010). Eoul Soo Pang, posteriormente, sugeriu – no estudo do coronelismo baiano - classificar a ação das oligarquias nos tipos: tribal, familiocrática, personalista e a colegiada.

Em estudo mais recente, Artigas (2010) diferencia o perfil do coronelismo praticado em grande parte do Nordeste do coronelismo paulistano. Este, na tese do autor, promoveu um sistema de cooptação do eleitorado a partir de métodos diversos que não incluíam violência física. Ou que, quando utilizada, visava de forma particular afetar oposicionistas, e não o eleitorado. Com base nesta perspectiva, acreditamos que Veremundo Soares ofereça um modelo diferenciado, ou talvez, um pouco mais distante do coronelismo nordestino caricatural. Em outras palavras, destacamos a existência de uma conduta mais aos níveis de um coronelismo institucionalizado e menos personalista em Salgueiro, mesmo num contexto interiorano e rural.

Importantes pesquisas associam o coronelismo exercido no Nordeste mais próximo dos modelos personalistas, devido ao perfil rural e a base familiar da região, configuração geradora, em boa parte, de um coronelismo “não institucionalizado”, isto é, onde os chefes exerciam total influência de comando sobre o eixo partidário governamental. De outro modo, na seara dos estados ditos centrais, do Sul e Sudeste, teria vingado um coronelismo institucionalizado, gestado num contexto de forte influência dos valores urbanos.

A ‘institucionalização’ do coronelismo representa o próprio princípio de superação dos fundamentos sistêmicos que dão sentido ao modelo de relacionamento político coronelista, quais sejam aqueles originados da tradição personalista e familiar e de domínio da propriedade da terra. A despersonalização representada pelo poder partidário em contraponto ao poder familiar e localista reforça o argumento de que o coronelismo paulista representou um modelo político de transição, no sentido da superação da tradição rural e aristocrática. Isso não teria ocorrido nos estados periféricos com a mesma velocidade. A mudança de padrão de dominação nas regiões periféricas ocorreu mais lentamente, visto que não houve um desenvolvimento urbano significativo tal qual naquelas em que se exerceu o ‘coronelismo institucionalizado’ (ARTIGAS, 2010, p. 9).

Assim, o uso da violência, do oficialato e da capangagem no “coronelismo institucionalizado” seria, em tese, menor do que no tipo personalista e rural do interior nordestino. Sobre esse fato, Carone (1977 *apud* SALLES, 2012, p.27) destaca que estes aspectos permanecem, mais ou menos distintamente, conforme o Estado e a região e de acordo com o desenvolvimento e as relações políticas existentes no momento. “Mas o comum, no

Sertão – onde as relações dominantes pertencem a grupos familiares -, é a luta pelo predomínio do grupo, que pode chegar à luta armada”.

No caminho da Sociologia Política, Jean Blondel (*apud* QUEIROZ, 1975) observa que a dominação mais rígida por parte do coronel, com o uso da força, era diretamente exercida pelo chefe político sobre seus subalternos. Contribuindo para essa interpretação, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1975, p.173) afirma que, apesar do jogo de barganha existente na relação coronelista, a “opressão, a violência e a crueldade também foram armas utilizadas pelos coronéis para captar e conservar votos, tão empregadas e tão usuais quanto os favores e benefícios”.

Ainda, na visão de Queiroz (1975, p.164), estudar a trajetória de um coronel de reconhecida importância é um passo para “se conhecer a distribuição dos indivíduos no espaço social”, pois tal figura representou “o elemento chave para se conhecer as linhas políticas divisórias entre os grupos e subgrupos na estrutura tradicional brasileira”.

Em sua pesquisa, a autora ressalta que existem vários níveis e perfis de coronéis demonstrando, por exemplo, a relevância do poder indireto dos chefes locais. Isto é, por meio do uso de cabos eleitorais no processo de angariar votos e da força do prestígio individual destes indivíduos nestas interações, o que “comprova que o eleitorado”, mesmo naquela época, tinha certa possibilidade de “escolha”. Além disto, Maria Isaura também enfatiza a importância das redes de parentela dos coronéis para manutenção do seu poder.

Especificamente sobre o tema das parentelas no contexto da Primeira República, além das contribuições de Queiroz, destacamos o importante estudo de caso de Linda Lewin (1993, p.113), na Paraíba. Lewin aborda o poder familiar de oligarquias tradicionais no estado refletindo sobre a atuação dos membros de um determinado grupo familiar, que se arvoravam em torno da figura personalista de um político ao ponto da parentela “ser considerada um grupo quase corporativo de maior duração que o período de vida de um político”.

Já dentre a literatura especializada no coronelismo em Pernambuco, Marcos Vinícios Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque (2003) traçam o perfil dos quatro principais coronéis pernambucanos, sendo eles: Chico Heráclio (de Limoeiro-PE), José Abílio (de Bom Conselho-PE), na Zona da Mata pernambucana -, Chico Romão Sampaio (de Serrita-PE) e Vermundo Soares (de Salgueiro-PE). O diferencial desta obra são os relatos vivos dos coronéis aos pesquisadores. Eles puderam captar, mesmo que minimamente, a dimensão de valores compartilhada em padrões de sentidos que refletem a diferença no modo de enxergar o mundo

de cada um dos chefes políticos, onde Veremundo se destaca pelo fato de ser o coronel “mais burguês” e “o mais contaminado pelas novas formas sociais”, ou, como se registra, “o mais vizinho da modernidade”.

Afunilando a bibliografia sobre Veremundo Soares, nos valem de duas pesquisas traçadas sobre o coronel salgueirense, sendo ambas trabalhadas do ponto de vista da historiografia. Uma delas, de Waldemar Alves da Silva Junior (2006), investe na tese de que Veremundo não era, assim, “tão inimigo” do cangaceiro Lampião como se consolidou este discurso no imaginário popular.

Silva Junior consegue demonstrar que existiram interesses específicos que aproximaram a família Soares do cangaceiro mais temido do país e que teriam levado o clã dos Soares a “burlar” a política de repressão do Estado contra o cangaço, ou mesmo a “esconder” do aparelho estatal o real jogo de poder que importava naquela ocasião, jogo este que o presente projeto busca compreender como fruto de economias morais que vão além da dinâmica político-eleitoral.

De outro modo, a segunda obra, de Marcelo Soares Bezerra foi lançada em 2018. O autor, que faz parte do núcleo familiar do coronel Veremundo, traz informações importantes sobre as práticas do chefe político enquanto empreendedor de sucesso, contribuindo com a visão de que Veremundo era uma espécie de “coronel civilizado”, diferente dos demais. É sobre essa visão de mundo que pretendemos nos debruçar especificamente na presente pesquisa.

### **Valores que forjam a imagem de Veremundo Soares**

Partimos da análise dos vestígios biográficos sobre o coronel Veremundo Soares com base em anotações extraídas do nosso caderno de campo, a partir da descrição de conversas informais com familiares, amigos da família Soares e também de pessoas da cidade sem parentesco com a família. Os relatos que tomamos notas elevam Veremundo a um patamar que personifica valores em favor de um “coronelismo de paz”. Isto é, que favorece à imagem coletiva de um chefe político “que não parecia um coronel”.

Em geral, os discursos sobre Veremundo Soares o edificam como um homem de coragem, refém da própria palavra tirada do “fio do bigode”, de coração e mente aberta ao desenvolvimento de Salgueiro. Nos relatos coletados, há a recorrência de sentidos onde justificam uma espécie de nobreza da conduta do coronel por ser ele um “pacificador”, um



coronel que ao invés de andar com jagunços, recorria a um carro moderno (um dos poucos da cidade) e um “motorista com quepe”.

Dessa forma, o espectro de Veremundo Soares se reveste de um papel moralizador de conflitos cotidianos, mas agindo “desarmado”, primando pelo pacto amigável e sem a imposição das armas, a não ser para “defender a população de Salgueiro”, como citam os entrevistados, do perigo de invasão do cangaceiro Lampião.

Este debate nos remete a Norbert Elias (1997; 1993) e a profícua reflexão sobre forças que movem o processo civilizador, a partir do fortalecimento do Estado burguês, impulsionando a ação humana para a pacificação de condutas e controle dos afetos. Corroborando este sentido, uma das moradoras entrevistadas em Salgueiro, a artesã Socorro Gondim, 46 anos, faz o seguinte relato:

[Veremundo] Era muito destemido, porque Lampião respeitava [o coronel]. Ninguém sabe qual foi o acordo, não se sabe, mas Lampião nunca entrou dentro de Salgueiro. Foi uma das cidades que nunca foi invadida por Lampião. Ele [Veremundo] era respeitado aqui. Ele foi um grande empreendedor. Tinha vários comércios aqui. Então, assim, ele trouxe para cá cinema, banco [do Brasil], primeiros carros, ele fez indústrias, curtume, trouxe peças do Egito para cá, o cara era muito rico, era o mais rico da região esse cara, empreendedor brilhante, e era um senhorzinho desse tamanho [ênfatizando o gesto pequeno], que só andava de suspensório e roupa branca. Se tornou prefeito da cidade e fez muita coisa, muita coisa que terminou se acabando, né? Os filhos não deram continuidade, não tiveram o mesmo... [mexendo os dedos a procura da palavra certa]. Faltou [aos filhos] aquele negócio que ele tinha, como empresário, não sei o quê... E praticamente ele [Veremundo] era quase o dono da cidade, fez muita coisa, e tinha esse poder. Ele trouxe as máquinas do cinema do Egito. As histórias dele são riquíssimas. Conhecemos desde que nascemos, né?<sup>4</sup>

Ainda dentre os elementos discursivos que exaltam a civilidade do coronel, registramos a visão de Geralda Carreiro, de 82 anos. Ela recordou de grandes bailes e festas que Veremundo dava na cidade. Grupos musicais chegavam de fora do país convidados pelo coronel para se apresentar em Salgueiro e artistas renomados da cena nacional, como o rei do baião, Luiz Gonzaga, eram considerados da “cozinha” dele.

Nos chamou a atenção o fato da entrevistada Geralda Carrero, em seu relato, enfatizar que Veremundo Soares era um coronel muito diferente do coronel da cidade vizinha Serrita, popularmente conhecido por ser violento, Chico Romão Sampaio, o qual ela classificou como “matador [de gente], misericórdia!” [disse elevando os olhos e as mãos aos céus]. Após essa

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada em 18.02.2019.



expressão a moradora aproveitou para relatar, em detalhes, como Chico Romão morreu assassinado ali mesmo, a tiros em Salgueiro, fruto de uma vingança.

Oxente, mais meu Deus, conheci demais [Veremundo Soares]. Era um homem sério, não gostava de algazarra, de mexerico, era corretíssimo. Foi o único coronel que eu conheci. As festas [em seu Chalé] não eram dele, só. Era de toda a sociedade. Os pretos, os brancos, os pobres, os ricos, cada um tinha o seu local, e a tardinha da noite a gente ia pra lá, dançar. [As memórias mais marcantes] São das festas na casa dele, no Chalé. E as fábricas [que ele trouxe para a cidade]<sup>5</sup>

O relato acima de Geralda Carrero corrobora o sentido da construção de um *ethos civilizado* em favor de Veremundo Soares e em detrimento do *ethos* beligerante do coronel tradicional como o de Serrita. Traço reforçado na descrição de uma das sobrinhas e afilhadas de batismo do coronel a qual visitamos e entrevistamos em Salgueiro, Adelaide Soares, de 70 anos. “Ele foi um cidadão, um pai de família exemplar. Em tudo, pai de família só não, um cidadão, uma pessoa, um profissional de primeira linha, está entendendo? E criou a família nesse estilo, estilo de moral, honradez, honestidade... Ele criou a família toda assim”.

Esse modelo de transição compõe um painel já previsto por Victor Nunes Leal, quando enfatiza que o mandão colonial do século XIX deu espaço a um novo ator, o coronel. Mas, diferente de seu antecessor cita Leal, o coronel embora proeminente, nasceria coadjuvante em um sistema que tinha agora o Estado como protagonista (LEAL, 2017). Com isso, a reconstrução simbólica em torno de um ideal de civilidade em face do coronel Veremundo Soares, retomando Norbert Elias (1997), encontra reflexo no produto histórico de uma versão aburguesada do guerreiro feudal, dessa vez impulsionado a sobreviver numa nova condição, onde a civilidade torna-se mecanismo político - como tão bem demonstrado por Elias sobre a transição dos guerreiros em cortesãos em *O Processo Civilizador*.

Com base nas primeiras notas de campo e registros de conversas coletados nesta nossa visita inaugural a Salgueiro, não seria arriscado afirmar que valores como honra social e justiça sofreram, à época do coronel Veremundo Soares, modificações cognitivas deixando de serem apenas prerrogativas de valentes detentores de terras armados até os dentes, mas servindo a conjuntos de comportamentos específicos ao modo de vida de uma elite política local, de gostos e valores burgueses associados à pacificidade das condutas e ao empreendedorismo capitalista.

Chama a atenção o fato dele [Historiador de Salgueiro, Adalmir Lustosa] preocupar-se em destacar sempre a passividade do coronel, seu poder de diálogo ao ponto de não ter acumulado inimigos no município. Adalmir parece esbanjar certo orgulho e

<sup>5</sup> Entrevista realizada em 19.02.2019.

empolgação quando cita que as facções políticas da cidade, mesmo rivais, chegavam a se reunir em grandes almoços promovidos pelo coronel e nesses momentos “era quando o coronel aproveitava para conversar com todos os lados”<sup>6</sup>

Impondo certo controle cultural sobre o gosto da elite interiorana da época, por meio de grandes bailes e de um cinema, Veremundo detinha também poder sobre o cofre do Banco do Brasil instalado em sua loja, foi dono de fábricas de sabão, algodão, couro e cachaça (entre outras dezenas de investimentos), e reuniu assim milhares de apoiadores não tanto mais à base da ameaça do “chicote” ou da imposição milicianiana, mas do compromisso empregatício, do empréstimo a juros, e por consequência, da ameaça de demissão.

Veremundo elegia quem ele quisesse. Tinha esse poder todo. O povo votava em quem ele mandava. [Ele conseguia isso] com emprego, muito... Muito emprego, tinha dois mil empregos naquela época e Salgueiro era desse tamanho [ênfatizando o gesto]. Fora as lojas, farmácia, no Monte Alegre [fazenda onde ele nasceu], tinha ainda as casas dos moradores, tudo com água e luz.<sup>7</sup>

Os valores ditos modernos estão, assim, encarnados na moralidade do coronel forjando a partir dele um modelo de “boa sociedade” que conservava o poder (econômico e político) em toda a cidade privilegiando suas próprias estruturas de parentesco (filhas, filhos, genros, noras, irmãos, primos, netos), como bem demonstra em seus estudos Maria Isaura Pereira de Queiroz (1975). Ainda na primeira metade do século XX, Veremundo foi uma espécie de exemplo em seu modo de agir, pensar e sentir – concorrendo a ser um dos pioneiros no Alto Sertão de Pernambuco a encampar um processo de autocontrole (ELIAS, 1997) influenciada por forças disciplinares de redes de interdependência em expansão, a partir do fortalecimento do Estado e do crescimento da urbanização e do modelo de mercado.

Para a análise deste tópico, nos interessa pontuar o que diz José Maurício Domingues (2002), sobre o processo de modernização conservadora implementada no Brasil, como exercício de compreensão do processo histórico que marcou o *ethos* empreendedor do coronel Veremundo Soares. Resume Domingues (2002, p. 460-461) que no processo de modernização conservadora, as tradicionais elites agrárias forçaram uma burguesia relutante e avessa aos processos de democratização a um compromisso: a modernização fazia-se, sob a liderança e levando muito em conta os interesses dos proprietários agrários, conformando-se uma “subjetividade coletiva” centrada em um bloco transformista, cauteloso e autoritário em suas

<sup>6</sup> Trecho extraído do diário de campo. 19.02.2019.

<sup>7</sup> Trecho entrevista com Adamir Lustosa, realizada em 21.02.2019.

perspectivas e estratégias. Em outros termos, a modernização que Veremundo Soares aplicava às relações da cidade advinha de “cima para baixo”, preservando desigualdades, mas aliada às promessas do republicanismo democrático.

Este conceito remete à imposição de projetos de desenvolvimento de cidades, a partir de iniciativas da elite urbana e rural, juntamente antenados, em favor de mudanças na estrutura econômica, social e cultural dos indivíduos, mas garantindo a manutenção de interesses dominantes, naturalizando fronteiras simbólicas e sociais que se perpetuam até os dias de hoje sob espectros de desigualdades locais.

### **Fronteiras simbólicas e sociais: O caso do Chalé**

Inspirado nas reflexões de Michèle Lamont (*apud* POLAZ; ALMEIDA, 2018) acerca das conceituações sobre fronteiras simbólicas e sociais enquanto dispositivos regulatórios que permitem julgamentos de valor, classificações e a diferenciação entre “uns” e “outros”, identificamos em Salgueiro estratégias socialmente construídas que permitem aos herdeiros do coronel Veremundo, desfrutarem dos resquícios de uma dominação simbólica herdada do século passado que se perpetua até hoje, começando pelos lugares de memória que a cidade conserva.

A principal via de movimentação urbana que corta o município, a qual faz parte da BR-232, é denominada Avenida Coronel Veremundo Soares. O prédio que abriga, atualmente, o Banco do Nordeste e a casa da cultura de Salgueiro também homenageiam o nome do chefe político. Uma das principais praças da cidade leva o nome do irmão do coronel, Benjamin Othon Soares, situada na chamada “Salgueiro antiga”. É nela onde foi instalado um obelisco, de cerca de 10 metros de altura, que em sua ponta se equilibra um Jesus Cristo de braços abertos e onde se guardam as cinzas em memória do chamado “Padre Velho”, o clérigo Antônio Joaquim Soares e sua esposa, Marcolina, pais do coronel.

Além dos nomes de uma praça e de uma avenida, a parentela de Veremundo recebeu homenagens com a denominação de escolas e, no cemitério local, o túmulo do coronel é um dos mais luxuosos, todo trabalhado em mármore e com os dizeres: “Família Veremundo Soares”. O acesso ao túmulo é largo, pavimentado e iluminado, diferente das demais partes do local, onde as covas parecem “brigar” entre si espremendo-se entre matagais e sem qualquer qualidade para a circulação de pessoas. Onde se localizavam os principais imóveis da família

Soares no passado, hoje funcionam a Caixa Econômica Federal, o Banco Santander, a Câmara de Vereadores e o shopping center do município.

Nos foram indicadas duas netas e um neto do coronel para entrevistar, os quais visitei diligentemente suas casas, diariamente - na companhia de um amigo da família, que recorri como estratégia de imersão no ambiente familiar dos Soares -, na esperança de ouvi-los e de ter acesso ao cobiçado Chale Villa Maria. Esta foi a casa onde Veremundo viveu até os seus 94 anos, com a esposa Maria Bezerra Soares, no Centro da cidade. Lá estão concentradas as principais memórias, cartas, fotografias, álbuns, vestimentas e utensílios do coronel. É um rico museu particular sobre a sua vida, mas que se encontra curiosamente fechado e com acesso restrito a pouquíssimas pessoas.

Passava das 14h de uma terça-feira ensolarada quando cheguei, em 19 de fevereiro, acompanhado do historiador Adalmir Lustosa, 69 anos, que se diz um amigo dos Soares, na frente da residência de uma das netas de Veremundo para conseguir permissão e conhecer o chalé. A residência dela é a quarta na sucessão de belas casas dos descendentes da família Soares, enfileiradas numa mesma calçada, todas consideradas nobres naquele ponto da cidade. Ao entrar pelo portão da garagem, que guardava dois carros e um barulhento cão, entramos em conversa com o marido dela.

Adalmir me apresentou como “um sociólogo que veio de João Pessoa” para conhecer a vida do coronel e aproveitei para aperta-lhe a mão e falar, muito brevemente, da minha curiosidade em conhecer o “chalé de Veremundo”, como a residência é popularmente conhecida na cidade. O homem respondeu, de forma mansa e receptiva, que a esposa estava em Recife, e só iria retornar a Salgueiro após o período carnavalesco.

A partir do contato com a esposa de uma das netas do coronel, notei uma das primeiras investidas de orientação do discurso em favor de uma imagem oficial do coronel. “Mostre o livro a ele, Adalmir”, disse o homem, reforçando: “Aquele livro já tem tudo sobre o coronel”. Registrei em nota de campo: “A indicação do livro legitima uma estratégia da família para direcionamento do discurso oficial sobre o que a família quer que seja dito e conhecido sobre o coronel”<sup>8</sup>

O livro é escrito por Marcelo Soares Bezerra, um membro da família e foi financiado pela Biblioteca Pernambucana de História Municipal, lançado em 2018 pela Companhia Editora de Pernambuco – Cepe, com direito a dois eventos, um para a comunidade de

---

<sup>8</sup> Extraído do diário de campo, 20.02.2019.

pesquisadores de Recife, outro posteriormente realizado em Salgueiro, no próprio chalé da família. Na quarta-feira (20), voltei a procurar o historiador Adalmir Lustosa para tentar entrar na casa centenária. Guardada a cadeado, a moradia se destaca como uma das mais belas na praça Benjamin Othon Soares, em Salgueiro. Os moradores da cidade dizem que o local foi construído por Veremundo em uma posição estratégica que daria visão privilegiada de toda a cidade, já que está num local de alto relevo.

Dessa vez, fomos em busca de outra neta. Durante dois dias (quarta, 20, e quinta, 21) batemos em sua casa, chamamos e perguntamos informações sobre onde ela estaria e sobre quem poderia ter a chave para nos dar acesso ao Chalé. Nos foi informado que ela teria as chaves, que estaria também viajando e não se sabia sobre data de retorno a Salgueiro. Ainda na quinta, 22, voltei a tentar um encontro com um terceiro neto, que também estava fora da cidade. Na sexta-feira, 23, pela manhã, em visita a Casa da Cultura fui surpreendido pelo silêncio envergonhado e risos de alguns funcionários.

Ao me apresentar para a equipe como um pesquisador que tinha curiosidade em conhecer a história do Chalé e do coronel, nos foi dito que os Soares são “meio fechados” e que não seria fácil entrar ali como se pensava. Indaguei sobre a ausência de maiores informações sobre o coronel, tanto no museu da cidade como na própria Casa da Cultura. Tudo sobre ele estava concentrado no Chalé e “até nós da prefeitura temos dificuldade de conseguir visitar”, disseram os informantes.

Com a equipe da prefeitura consegui pegar o número de telefone de uma das netas, sendo avisado que ela “não gostava de abrir a casa” a visitação. Diante minha expressão de desapontamento, o diretor de cultura da cidade contou que chegou, durante apenas dois meses, a levar turmas escolares para conhecer a história do coronel e do Chalé, mas aproveitando o curto momento em que “a mulher da faxina” limpava a residência, semanalmente. Depois disso, essa estratégia teria sido vetada pelos Soares.

Passada uma semana na busca de entrar no Chalé de Veremundo, deixei Salgueiro, na sexta-feira à noite, sem realizar o feito. Daí, trazemos o relato da dificuldade de entrada no Chalé de Veremundo como um dado da pesquisa de campo, a qual reflete, com base em Michèle Lamont (1992), numa fronteira social presente em Salgueiro. O Chalé se apresenta como um espaço reservado onde uma elite familiar investe na mobilização de distanciamentos da massa salgueirense.

Em outras palavras, o Chalé, em si, representa para esta análise, a materialidade presente nos processos que engendram separação e agrupamento em que se engaja os membros de uma elite. Isso se confirma com a recorrência dos relatos onde os moradores locais, expressam o discurso de que o Chalé somente “abre uma vez ao ano”, quando “fica lindo todo iluminado” para acolher “gente importante” e familiares vindos de outras cidades, geralmente, Recife e Rio Janeiro, que é quando todos se confraternizam em uma grande festa privada.

À época em que Veremundo morava, o Chalé chegou a receber relevantes autoridades políticas, como Juscelino Kubitschek, uma dezena de governadores e também artistas renomados. Em 22 de julho de 2018, a casa fez 100 anos de sua construção, quando “chegou meio mundo de ônibus”, nas palavras de Adalmir Lustosa, que continua: “Foi dada uma grande festa de luxo que todos da cidade ficaram sabendo”. Assim, o controle sobre o Chalé por parte dos Soares, a vista da concepção dos membros da cidade, advém da imposição de uma fronteira social bem demarcada historicamente, como sugere a definição de Lamont, representando um dispositivo regulatório entre o espaço social de uma elite e o ambiente proibido aos “outros”.

Ainda explorando o campo conceitual oferecido por Lamont, em face da definição de fronteiras simbólicas, destacamos uma produção de sentido recorrente nos relatos de alguns entrevistados – ora balbuciados, ora em tom de risada –, de uma fofoca sobre o coronel, a qual disputa com o discurso oficial difundido pela família e seus admiradores em defesa da imagem de uma família honrada. Um dos relatos é da artesã Socorro Gondim, nestes termos:

A história da vida dele, que acho mais interessante, é que ele [Veremundo] era filho de um padre, o primeiro padre que teve aqui na cidade. O padre veio [de Minas Gerais] e se envolveu com uma das beatas e começou a ter filhos com ela, e seu Veremundo era um deles. Eu acho assim a história mais interessante, porque além de ser filho do padre, quando ele morreu [o pai de Veremundo] ele assombrava a região inteira, os vaqueiros começaram a ver ele, porque tem essa história que não foi tirada a batina dele [em vida], porque ele foi enterrado como padre. Apesar do pecado, ele viveu com a mulher e fazia cerimônias. E ele tinha várias mulheres, não era uma só não. E conta-se que a mulher do padre virou cobra depois que morreu.<sup>9</sup>

Em contraponto, o historiador Adalmir Lustosa, amigo e defensor da família Soares, chega a se ressentir quando escuta salgueirenses reproduzindo este tipo de discurso, já preso ao imaginário popular, e cita essa narrativa, nas suas palavras, como “uma grande ingratidão do povo perante uma família que já fez muito por Salgueiro”. O discurso de Adalmir sobre essa suposta ingratidão por parte dos habitantes foi muito recorrente durante as entrevistas.

---

<sup>9</sup> Trecho de entrevista realizada em 22.02.2019.

Atualmente, como historiador local, ele vem “lutando”, como mesmo diz, para convencer a Câmara de Vereadores e autoridades públicas a aprovarem a construção da estátua do pai do coronel num ponto de destaque do município. Mas confessa que sua ideia não tem recebido o apoio devido, o que para ele é algo que define como “revoltante”.

## **Conclusão**

Este artigo buscou detalhar os desafios do percurso de pesquisa em uma imersão de campo para investigação de vestígios simbólicos do poder do coronel Veremundo Soares, em Salgueiro. Os relatos dos entrevistados nos ajudaram a compreender como a cidade interpreta, na atualidade, o legado moral deixado pelo coronel. E evidencia-se também o avanço de valores tidos modernos e democráticos, diante antigas lógicas tradicionais da família Soares depois de tanto tempo de controle político do município.

Paralelo a isso, espaços e encontros de distinção social ainda parecem ser preservados pela família Soares. O que se dá mediante o enclausuramento do Chalé de Veremundo ao conhecimento geral da população, bem como os costumes de reunião da família com uma grande festa particular que chama a atenção de todos, o que pode indicar uma estratégia social de delimitação de fronteiras simbólicas ainda em plena atividade, diferenciando o ethos da família Soares dos demais moradores de Salgueiro.

A cidade continua sitiada pelo espectro do coronel Veremundo. Isso foi possível verificar não só em seus locais mais célebres, como grandes avenidas, praças e escolas, mas fundamentalmente na memória dos salgueirenses entrevistados, e a reprodução de uma lógica de admiração pela civilidade do coronel. O sobrenome Soares mantém-se no universo social dos habitantes de Salgueiro, fazendo-os lembrar da existência de um ethos de poder familiar ativo, simbolicamente, no município. Porém, o discurso oficial defendido pela família atualmente contrasta com os relatos não oficiais da população. O que evidencia um jogo por distinção e diferenciação social em disputa até os dias de hoje.

## **Referências**

ARTIGAS, José Henrique de Godoy. O PRP e a política regional paulista na I República. *In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE CIÊNCIA POLÍTICA. ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE CIENCIA POLÍTICA*, 5, 2010, **Anais...** Acta Académica, 2010.



CAMMACK, Paul. O coronelismo e o compromisso coronelista: uma crítica. **Cadernos do Departamento de Ciência Política**, nº 5, Belo Horizonte, 1979.

CARONE, Edgard. **A República Velha II: evolução política** (1889-1930). São Paulo, Difel, 1977.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Humanitas, 1999.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2 v. Formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DOMINGUES, José Maurício. A dialética da modernização conservadora e a nova história do Brasil. **Dados**, v. 45, n. 3, p.459-482, 2002.

LAMONT, Michèle. **Money, moral and manners: the culture of the French and the American upper-middle class**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

JUNIOR, Waldemar Alves da Silva. **O coronelismo em Salgueiro**: uma análise da trajetória política do coronel Veremundo Soares (1920-1945). Recife: Edições Waldemar Alves, 2006.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba**: Um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro: Record, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica, In: Fausto, Boris (Org.) - **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, v 1, São Paulo: Difel, 1975.

REGT, Ali de. Ofensiva civilizadora: do conceito sociológico ao apelo moral. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 16, n. 47, p. 137- 153, 2017.

PANG, Eoul Soo. **Coronelismo e oligarquias, 1889-1934**: a Bahia na Primeira República brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

POLAZ, Karen; ALMEIDA, Maria Fonseca de. Fronteiras sociais e simbólicas em um clube de elite. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 98, 2018.

SALLES, Alexandra. **Do coronelismo ao neo-coronelismo**. Um estudo sobre a ascensão, a queda e o ressurgimento de Antônio Lorenzetti Filho. 100f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Araraquara, 2012.



**Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 8, n. 2, dez. 2022  
*Dossiê Famílias e Heranças Políticas* ISSN: 2447-5548

VILAÇA, M. V.; ALBUQUERQUE, R. C. **Coronel, coronéis: Apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

*Recebido em:* 25/11/2022.

*Aceito em:* 28/11/2022.